

# A escrita da alteridade: teses de historia- dores sobre temas indígenas e afrodescendentes

*Cláudio Kuczkowski*

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
Santa Maria, RS, Brasil  
claudiokuczkowski@yahoo.com.br

*Tatiane Dumerqui Kuczkowski*

Univerdidade de Feevale  
Novo Hamburgo, RS, Brasil  
tatiane.kuczkowski@ifrs.edu.br

## *Resumo:*

O texto “A escrita da alteridade...” consiste em uma reflexão sobre o lugar das sociedades originárias e afrodescendentes na escrita acadêmica. Particularmente, preocupa-se em examinar a matéria nas teses defendidas nos cursos de doutorado dos programas de pós-graduação de três Universidades do Rio Grande do Sul, Brasil: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). A cronologia delimita-se pelos trinta anos transcorridos desde a criação do primeiro desses cursos na PUCRS em 1986.

*Palavras-chave:* Escrita Acadêmica; Indígenas; Afrodescendentes.

## *Abstract:*

The text “The writing of otherness...” consists of a reflection on the place of the native and afro-descendant societies in academic writing. Particularly, it is concerned to examine the subject in the theses defended in the doctoral courses of the postgraduate programs of three Universities of Rio Grande do Sul, Brazil: Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (PUCRS), Federal University of Rio Grande (UFRGS) and the University of Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). The chronology is defined by the thirty years that have elapsed since the first of these courses at PUCRS in 1986.

*Keywords:* Academic Writing; Indigenous people; Afro-descendants.

## INTRODUÇÃO

O presente texto é parte de um estudo de maior amplitude. No todo, trata-se de um apanhado geral sobre as quatrocentas e trinta e cinco Teses defendidas entre 1986 e 2016 nas três instituições que, durante esse período, eram as únicas a possuírem cursos de doutorado em História com Teses defendidas.<sup>1</sup> Para facilitar a constituição dessa leitura panorâmica classificou-se os trabalhos em oito grandes grupos com base no interesse de separar aquelas Teses que realizam estudos latino-americanos. Os demais sete grupos foram organizados de maneira mais ou menos arbitrária da seguinte maneira: 1) História Institucional; 2) Biografias, Prosopografias e Trajetórias; 3) Historiografia e Teoria da História; 4) Fronteiras; 5) Imaginários e Representações; 6) Produção Periódica-Imprensa; e, 7) Grupos Étnico e culturais.

O volume de trabalhos é bastante grande e, em todos os casos, foi necessário estabelecer algum tipo de subdivisão. É o caso de Grupos Étnico-culturais. A primeira partição foi entre um grupo étnico e outro, assim distribuídos utilizando o critério quantitativo da frequência de aparecimento nas Teses: a) Italianos e seus descendentes; b) Sociedades Originárias e seus descendentes; c) Teutos e seus descendentes; d) Africanos e seus descendentes; e) Poloneses e seus descendentes; f) Judeus e seus descendentes; g) Açorianos e seus descendentes; e, h) Trabalhos com perspectiva interétnica. Da reunião das letras b e d resulta a presente reflexão.<sup>2</sup>

O segundo aspecto de maior ocorrência temática no conjunto geral das Teses é o relativo aos grupos étnico e culturais.<sup>3</sup> Ressalte-se, no entanto, o caráter generalista dessa afirmação. Na prática, são bastante distintos os objetos dos trabalhos envolvendo o assunto, uma vez individualizados. Os temas variam de aspectos predominantemente arqueológicos a processos colonizatórios e/ou migratórios, perpassando diferentes grupos étnicos e enfoques particularizantes. Mesmo as divisões tradicionais em História Política, História Social, História Cultural, entre outras, embora emprestem alguns dos fundamentos teórico-metodológicos às Teses, são resultados da discricionariedade de seus

<sup>1</sup> Dois esclarecimentos: 1) a Universidade de Passo Fundo (UPF) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) implementaram seus Cursos de Doutorado em História em 2014 e 2015 respectivamente e, 2) os períodos de criação dos cursos de doutorado nas três primeiras universidades têm períodos distintos de criação: PUC-1986, UFRGS-1995 e UNISINOS-1999.

<sup>2</sup> Imperativo reconhecer a permeabilidade de muitos das Teses, ou seja, a possibilidade de –na tipificação– serem lidas de outras formas, vistas através de perspectivas diferentes e por conta disso serem “enquadradas” em outros agrupamentos. A decisão de tal compilação é única e exclusivamente deste autor no intuito de associação por aproximação temática.

<sup>3</sup> O primeiro corresponde à Teses integrantes em nossa classificação de História Institucional.

autores. Tal condição permite optarmos pensar trabalhos como o de Verran (2006) em Biografias, Prosopografias e Trajetórias, os de Oliveira (2010), Gomes Neto (2002) e Martins (1999) em Estudos Latino-Americanos, os de Laroque (2006) e Petiz (2009) em Fronteiras, Ramos (2005), Pereira (2008), Pereira (2009) e Skolaude (2016) em História Institucional, Magalhães (2003) em Trabalhos com perspectivas interétnicas e Santos (2011) em Produção Periódica-Imprensa, consoante suas características de Sociedades Originárias e seus descendentes ou Africanas e seus descendentes.

No tangente a Sociedades Originárias e seus descendentes ou Africanas e seus descendentes, as orientações são variadas. Nas vinte e seis Teses defendidas nos três Programas, excetuadas os trabalhos ora classificados em outros agrupamentos, quinze são os orientadores diferentes. No caso da PUCRS, do montante de dezessete teses com foco em Sociedades Originárias e Afrodescendentes, onze foram os professores orientadores: Klaus Hilbert (2002, 2003 e 2010), Maria Cristina dos Santos (2002, 2011, 2013), Arno Alvarez Kern (1991, 1999), Earle D. M. Moreira (1998), Pedro Ignácio Schmitz (2005, 2005), José Luiz de Moraes (2005), René Gertz (1997), Daniel Schavelzon (2005), Margaret Marchiori Bakos (2007), Charles Monteiro (2014) e Dorivaldo Walmor Poletto (2001). Na UNISINOS são oito Teses no assunto. Distribuídas entre quatro orientadores, Pedro Ignácio Schmitz (2004, 2009 e dois em 2005), Jairo Henrique Rogge (2014), Karl Martin Monsma (2008) e Paulo Roberto Staudt Moreira (2010, 2016). Finalmente, na UFRGS, só existe o registro de um trabalho orientado por Regina Célia Lima Xavier (2014). Linearmente observados, corroboram a ideia de interesses recíprocos entre o grupo de professores ou pelo menos de certa coerência em relação às linhas de pesquisa, bem como a de ininterruptão cronológico-temporal desses interesses.

Na modalidade “Sociedades Originárias e seus descendentes” a PUCRS possui registro de doze teses. A UNISINOS cinco e a UFRGS nenhuma tese defendida nessa linha de estudos. Uma vez mais é necessário alertar para o grau de generalidade desse agrupamento denominado Sociedades Originárias e seus descendentes. São teses que, de uma ou outra maneira, recorrem ao elemento “indígena americano” ou “ameríndio”, como aparece em alguns textos, enquanto objeto de estudo, se não diretamente, ao menos perpassam noções comuns a um ou outro desses grupos. A rigor, no critério disciplinar dos conteúdos, estão mais identificados com a Arqueologia e a Antropologia; em alguns casos a Etnohistória às aproxima da história, especialmente no que tange aos métodos. Ressalte-se a existência de linha de pesquisa específica na área, tanto na PUCRS<sup>4</sup> quanto na UNISINOS<sup>5</sup> e do doutorado em Antropologia Social na UFRGS.

<sup>4</sup> Na PUCRS, com área de concentração em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, a linha de pesquisa intitula-se Sociedade, Cultura Material e Povoamento.

## SOCIEDADES ORIGINÁRIAS E SEUS DESCENDENTES

Na PUCRS encontra-se o mais antigo trabalho sobre a temática, realizado por Ribeiro (1991). Na tese o autor reconstrói historicamente os traços culturais das populações ocupantes do Vale do Rio Pardo, RS, Brasil. Enquanto trabalho de características arqueológicas utiliza-se de “vestígios materiais” de diferentes sítios. Ao mesmo tempo, percorre livros de batismos e casamentos como algumas das fontes históricas. Os períodos cronológicos seguiram a orientação temporal da sucessão entre os grupos humanos que viveram na região. Assim, iniciando pela cultura Umbu e Humaitá (300 anos antes do presente) o autor finaliza discutindo elementos relativos à cultura material missioneira, perpassando “tradições” como Vieira, Taquara, Tupiguarani e Iberoindígena.

Sete anos mais tarde, Brand (1998), com escopos espacial e temporal menores, ainda que se propondo uma “abordagem abrangente”, analisa os processos de confinamento dos índios Kaiowá/Guarani na região da “Grande Dourados, MS”. Baseando na “história oral”, investiga a ocupação do território indígena nas diferentes frentes de expansão econômica (do “esparramo”, anterior à criação de Reservas ao confinamento promovido pelo Governo Fe-

Na própria descrição da linha encontra-se o direcionamento aqui apontado: “Enfatiza os estudos sobre a história da cultura material e a reconstituição dos processos históricos das sociedades platinas, bem como as múltiplas interações culturais decorrentes, por meio de perspectivas arqueológicas e etnohistóricas”. Disponível em [<http://www.pucrs.br/humanidades/programa-de-pos-graduacao-em-historia/linhas-e-estruturas-de-pesquisa/>], acesso em 4.04.2016.

- <sup>5</sup> Área de concentração: Estudos Históricos Latino-Americanos – Linha de pesquisa: Sociedades indígenas, cultura e memória. Descrição: Se dedica ao estudo das diferentes culturas e sociedades indígenas americanas em sua especificidade histórica, ocupando-se dos processos de mais longa duração, bem como daqueles vinculados a um tempo mais estrito. Interessam para a linha as dinâmicas internas de formação e transformação dessas sociedades, assim como as relações que estabelecem entre si ou com as sociedades ocidentais. Suas investigações enfocam os atores e os processos de mudança social gerados na interação de códigos culturais das sociedades indígenas e ocidentais, tanto no âmbito dos conflitos, quanto das mediações e das negociações, bem como sua repercussão na produção intelectual e no debate político contemporâneo. Sob diferentes perspectivas e recortes, analisa a ação das instituições civis e eclesásticas junto às sociedades indígenas, o processo de missão e os movimentos religiosos decorrentes do contato interétnico e intercultural. Importam, também, para a linha, os temas da cultura material e imaterial dessas sociedades, bem como a formação de memórias sobre elas e sua transformação em patrimônio. Disponível em [<http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/historia/presencial/sao-leopoldo/linhas-de-pesquisa/>], acesso em 4.04.2016.

deral em 1928) e alterações econômicas, sociais e especialmente religiosas resultantes desses movimentos.

A partir desses dois exemplos retirados de períodos e regiões diferentes, tem-se uma noção da variabilidade de enfoques, áreas temáticas, localizações e processos passíveis de ajuste nesses campos de estudo. Surgiriam teses abrangendo diferentes Estados brasileiros e/ou partes destes, como no caso de Santos (2009), trabalho no qual o autor, partindo de uma metodologia predominantemente arqueológica (escavação de quatro sítios), embora também histórica em função do movimento temporal, traça o “perfil cultural dos Tapuias Cariris e Tarairiús” através de documentação e literatura da época (no intervalo temporal compreendido entre os séculos XVI e XIX), com foco geográfico nos Sertões da Paraíba. O autor acredita ser possível recuperar “traços de cultura material” que comprovam a existência do grupo (Tarairiú), por vezes confundido com o grupo Cariri, e seus legados culturais, além de identificar certas peculiaridades entre os mesmos, contribuindo assim para a recuperação da “imagem desses grupos étnicos, fazendo-os falar (...)”, ou a tese de Sarah Ribeiro (2002) a qual analisa o período de 1977 a 1997 no que tange à construção da Usina Hidroelétrica ITAIPU Binacional no Oeste paranaense e seus efeitos para a sociedade Guarani. Ao mesmo tempo em que discute a “categoria homogeneizante” de índios brasileiros, realiza uma interpretação da sociedade indígena pautando-se no que representaria o “seu mundo de significados” e certas formas de reação diante das contingências, entre as quais a mais vultosa seria verificável através de um discurso, para fora, de “uma identidade étnica, unificadora e uniformizadora (...)”.

Abordagens de proposições interdisciplinares são bastante corriqueiras e mesmo algumas inserções no âmbito da epistemologia. Dois exemplos: 1°) Nascimento (2010) discute a Tradição Itaparica. No entanto, diferentemente da maioria dos trabalhos nessa temática, se propõe de predominância teórica frente à empiria. A materialidade é encontrada no discurso. Seriam dois momentos: um primeiro, característico da enunciação e, o segundo, no plano da reprodução textual. No dizer da autora, “o mundo pré-histórico da Tradição Itaparica é deste modo re-construído no fazer e pensar arqueológicos ao serem redimensionados os textos e as coisas”. Propõe “encontros disciplinares” e/ou demarcações multidisciplinares no que denomina “arqueologia pós-processual, antropologia interpretativa e antropologia simétrica, filosofia, sociologia da ciência, linguística e semiótica”. O objeto “empírico” da análise é o texto –enquanto materialidade– e as “coisas representadas iconograficamente ou em exposições de coleções” (Nascimento, 2010: 23) sobre a Tradição Itaparica. A hipótese central da investigação é a de que esta Tradição “alcançou uma identidade cultural-material quando a lesma, o fóssil-guia, foi identificada-reconhecida e não propriamente quando esta cultura material foi descoberta e anunciada nos moldes de uma tradição cultural-material” (Nasci-

mento, 2010: 24). Percorrendo conceitos presentes em autores como Olsen, Bakhtin, Barthes, Foucault, Bourdieu, Latour, Calderón, Laroche, Tilley entre outros, o trabalho conclui que, “a partir das diferentes especificidades de materialidades que se encontram nas coisas arqueológicas, poderá ser revelada a história das coisas na terra e ao mesmo tempo a história daqueles que a escavaram” (Nascimento, 2010: 185); 2° Oliveira (2002), a partir do que denomina uma “abordagem interdisciplinar”, recorre a procedimentos teóricos e metodológicos da Arqueologia, Etnografia e Etnoarqueológicos. A proposta é a análise crítica da história e da historiografia sobre a Arqueologia Pantaneira, marcada cultural e linguisticamente por sociedades distintas, entre a metade do século XIX e fins do século XX. O caso de destaque é a tradição Guató, grupo do qual foram recolhidas informações orais e sobre quem mais são conhecidos aspectos etnohistóricos e etnológicos como a organização em grupos domésticos consanguíneos, de descendência e afinidade, “relacionados a um particular sistema de patrilocalidade e patrilinearidade”.

Nesses intervalos delimitatórios acomodam-se as demais teses. No conjunto, para além das fixações espaciais predominantemente focalizadas nos Estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul, se tomadas comparativamente, diferentes propostas confluem para o uso de mecanismos “interdisciplinares” (recorrem a áreas do conhecimento que já tem sua origem de forma a romper os limites disciplinares tradicionais, dentre outras, etnohistória, etnografia, etnologia,) ou se mostram menos reticentes a aderir, teórica e metodologicamente, aos recursos disponibilizados em outras ciências, ainda que de forma a submeter esses recursos às próprias necessidades. Nas Teses de Peixoto (2003) e de Klamt (2005), por exemplo, verificam-se estratégias desse tipo.

No primeiro, de características metodológicas predominantemente arqueológicas a Tese ancora-se em análises físico-químicas de sedimentos, levantamentos de campo na região das lagoas do Castelo e Vermelha (Pantanal Sul-Matogrossense) defendendo que o “O material cerâmico, o lítico, a arqueofauna e a cronologia de ocupação desses sítios possibilitaram o reconhecimento de uma nova fase ceramista, dentro da Tradição Pantanal, denominada de Fase Castelo” e concluindo que a ocupação contínua por diversas etnias e gerações –desde 5.500 anos antes do presente– articula-se na complexidade do “sistema regional de assentamentos sazonais, anuais e pluria-

<sup>6</sup> Em linha similar a pesquisa desenvolvida por Oliveira. Trabalho de cunho predominantemente arqueológico, a tese de Oliveira trata dos “povos caçadores e coletores que habitaram as margens da Lagoa Mirim”. Prioritariamente composta por sítios líticos, a região dos municípios de Santa Vitória do Palmar e Chuf é estudada entre o que o autor denomina “janela cronológica referencial” de 10.000 a 6.000 antes

nuais”.<sup>6</sup> No segundo, discutindo o sistema de assentamento do grupo Tupi-guarani instalado na Linha da Ressaca, município de Ibarama, Rio Grande do Sul, fundamentando-se na bibliografia existente e no que a autoria denomina “fonte material” –sete sítios arqueológicos de tradição ceramista– permitiu o questionamento pelo autor de que “os portadores da tradição ceramista Tupi-guarani não viviam em um paraíso eterno, como teria afirmado Bartolomé de Las Casas, nem em eterna pobreza”.

Outras pesquisas estão na mesma direção. Landa (2005), a partir de “procedimentos teórico-metodológicos provenientes da História, da Arqueologia e da Antropologia”, examina a relação entre comportamento e cultura material e seus reflexos na espacialidade. A delimitação espaço-temporal alcança a Terra Indígena Porto Lindo Jakarey, Japorã/MS, tornada reserva estadual em 1928 e ressalva a importância de considerar fatores como a superpopulação e o confinamento compulsório, enquanto elementos constituintes da produção espacial, e estrutura-se nos três espaços privilegiados do cotidiano do grupo, a constar: a casa, a roça e a mata.

As formas de tratamento dos temas são bastantes variadas, embora, algumas categorias se mantêm constantes. Beber (2004), por exemplo, tece um paralelo interessante entre História e Arqueologia. Mais do que isto, ilustra um elemento corriqueiro nos trabalhos com enfoque prioritariamente arqueológicos: a preocupação em descrever o espaço, muitas vezes, em detrimento da temporalidade.<sup>7</sup>

Esta circunscrição geográfica compreende os atuais Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Desse universo, voltamos nossa atenção para a porção do planalto que se caracteriza por possuir terras acima dos 200m de altitude e apresentar uma superfície aproximadamente plana. A cobertura vegetal é formada predominantemente pela mata com araucária, entremeada por áreas de campo (Beber, 2004: 23).

do presente. Enquanto relação à um ou outro grupo étnico e também em tom conclusivo o autor afirma: “(...) acreditamos ter criado um modelo (ou esboço de um modelo) hipotético para explicar o processo de ocupação humana da área com fortes laços com a própria evolução do meio físico, consolidando nossa tese de que os sítios da margem da Lagoa Mirim teriam uma relação com caçadores e coletores antigos com pontas de projétil, relacionados com um amplo espectro cultural semelhante que abrange parte do sul do Brasil e a metade setentrional do Uruguai, aqui denominados de tradição Umbu, que não representa um grupo étnico específico, mas sim certa tecnologia de produção de pontas líticas” (Oliveira, 2014).

<sup>7</sup> No mesmo autor, “(...) a Arqueologia da Paisagem, em sua vertente sintética, é um dos componentes metodológicos a nos fornecer ferramentas para a compreensão dos sítios arqueológicos como parte constitutiva de um sistema” (Beber, 2004: 30).

Atípica é a Tese que, no âmbito da Arqueologia, não apresente espaço específico, pelo menos um item e/ou capítulo, versando sobre o ambiente físico, os recursos naturais, os aspectos geológicos, flora, fauna, enquanto recursos acessíveis às populações humanas. Forma-se assim a base para a compreensão dos dados, seus potenciais de evidenciar o passado e mesmo as perspectivas de utilização do espaço pelo homem. Assim, o meio, se não é determinante, no mínimo ocupa lugar privilegiado nas ações humanas.

Em Cardoso (2011), o objeto está abalizado pela análise, “do ponto de vista histórico”, da Escola Indígena de Ensino Médio –comunidade Terena da aldeia Limão Verde– Aquidauana/MS. O exame parte de textos etnográficos, percorre a “Pesquisa de Campo” a “observação etnográfica” e a “análise de documento oficiais” na perspectiva de mostrar a trajetória de “uma população etnicamente diferenciada”, de como o grupo Terena “têm conseguido manter o ethos que o identifica”, mais especificamente em elementos como a recuperação e defesa dos territórios tradicionais, suas relações atuais com os entornos e destacando “o projeto de futuro da juventude”. O tema da etnicidade é central, ao menos no que se refere à necessidade de manutenção de certas diferenças nos processos educacionais do Terena. O autor conclui, entre outras coisas,

É importante, também, que a escola indígena leve em conta outros aspectos da cultura local, incluindo em seu currículo os conteúdos da vida na aldeia, como a educação familiar, a terra, a economia, entre outros, nas diversas áreas do conhecimento. Pois, além de fortalecer o laço étnico socializando o conhecimento a respeito da organização coletiva Terena, o aluno terá na sala de aula um ambiente que represente a continuação de sua prática cotidiana e não como ela é hoje, uma cisão do seu mundo real, projetando uma escolarização descontextualizada (Cardoso, 2011: 124).

A Tese de Farias (2005), além de confirmar alguns dos elementos presentes nos textos apresentados anteriormente, especialmente naqueles de predominância arqueológica (escavação, análise de laboratório, exploração de material lítico), evoca outra característica relevante entre diversos desses trabalhos: o contexto. Trata-se, em geral, de considerar o peso contextual da produção intelectual de certos conhecimentos como também de situar as descobertas arqueológicas materiais em cenários que se poderia denominar relacionais. A interpretação dos materiais dá-se de forma comparativa, “Avaliando o padrão de assentamento numa perspectiva sistêmica de cultura, integrando indivíduos e unidades sociais (...)” (Farias, 2005: 33), ou como a autora observa em outra passagem:

Há poucas décadas, eram os artefatos as evidências mais importantes de um sítio arqueológico. Atualmente, faz-se necessário observar este espaço



dentro de um contexto biológico e geomorfológico, vindo no seu entorno uma variável em constante transformação (Farias, 2005: 35).

Aliás, na passagem é possível identificar outra característica recorrente nesses trabalhos, ou seja, a nota de mudança no fazer investigativo. Tal transformação de um tipo de pesquisa “tradicional” para novas formas de “leitura” é perceptível tanto no que cabe às fontes quanto aos pressupostos teóricos, métodos e mesmo nas maneiras de representar o passado. Amostra disso encontra-se em Francisco (2013) ao defender que

Grande parte do conhecimento historiográfico sobre as relações sociais e políticas entre nativos e ocidentais, e sobre as próprias sociedades ameríndias, foi construída através de perspectivas etnocêntricas e evolucionistas, baseadas em categorias e conceitos construídos em situações específicas (Francisco, 2013: 33).

Também Cypriano (2005: 14) ao afirmar: “A maior parte da bibliografia disponível sobre as sociedades nativas da atual região norte do Brasil, desde seus primeiros cronistas até os dias atuais, permanece sendo uma escrita que privilegia a ação do europeu”. Noutros termos, através de diferentes concepções e categorias de análise, da revisitação de certos temas, do surgimento de novas tecnologias e da proposição de distintos problemas, acredita-se estar retirando as Sociedades Originárias de uma condição coadjuvante e promovendo-as a condição de sujeitos de suas próprias trajetórias. Na perspectiva de Francisco,

Os estudos atuais dedicados à história indígena permitem analisar as interações entre nativos e ocidentais sob a perspectiva de ação efetiva dos nativos conforme contextos históricos específicos, bem como a possibilidade de analisar experiências pessoais e coletivas como meios de transformação social e política (Francisco, 2013: 19).

No trecho, para além de reforçar a ideia da “perspectiva de ação efetiva dos nativos”, sobressaem-se outros três pontos: o primeiro, é o destaque aos “estudos atuais”, acima mencionados; o segundo, registra o fenômeno contextual – “conforme contextos históricos específicos” – e, um terceiro que poderia ser aludido ocorre com relação à valorização das “experiências pessoais e coletivas” na ação sócio-política e, por extensão, na constituição do conhecimento. A Tese de Pereira (2009), auto inserida no campo da pesquisa do Patrimônio Cultural e da “nova” História Indígena, se impõe os objetivos de interpretar

a) o significado atribuído no espaço-temporalidade circunscrito pela modernidade de fins do século XX e limiar do século XXI à noção de patrimônio, con-

cebida como categoria *de* pensamento universal(izável); b) o *sentido*, situado e contextualizado localmente, conferido ao conceito operatório de patrimônio cultural, em consonância com sua inscrição e (re) apropriação presentefista na e pela tradição sociocsmológica dos Guarani Mbya no espaço geográfico e social do Rio Grande do Sul (Pereira, 2009: 18).

A primeira quebra de paradigma proposta pelo autor está no rompimento com a “concepção hegemônica” a respeito do patrimônio enquanto “dicotomização entre os bens de natureza material e imaterial” (Pereira, 2009: 19-20); a segunda, discute a relação entre o universal e o particular na esfera do Patrimônio” (Pereira, 2009: 23), fim a ser atingido a partir da pesquisa com os indígenas Guarani Mbya no Rio Grande do Sul. A questão étnica ocupa lugar permanente nas discussões, tanto no que tange aos contatos interétnicos quanto nos critérios identitários. Entre as conclusões do autor, duas, de caráter mais geral, chamam atenção:

a) salvo melhor entendimento, não encontramos, na tradição Guarani, distinção similar como aquela da ordem dos conceitos, de natureza neokantiana, apregoada por Émile Durkheim e seus discípulos a partir do final do século XIX, entre categorias teóricas (de conteúdo fortemente abstrato) e categorias heurísticas (de caráter empírico e dotadas de historicidade) (Pereira, 2009: 244).

b) patrimônio para os indígenas *Mbya* é aquilo que “nossos antepassados nos ensinaram”; são as tradições, e feitos dos ancestrais primordiais, constituindo-se naqueles conhecimentos apreendidos e herdados dos seres divinos durante o movimento de aparecimento e formação do mundo terrenal (Pereira, 2009: 246).

A noção de modernidade enquanto discurso das “elites gaúchas” e sua implementação no Rio Grande do Sul entre 1908 e 1928 são os motes da investigação de Rodrigues (2007). A autora defende que a Diretoria de Terras e Colonização (sob os auspícios do ideário comteano) teria sido encarregada pelo Partido Republicano Rio-Grandense de um “projeto de civilização para os nativos”. Tal projeto modernizador se utilizaria de três agentes principais: “os colonos, as estradas e as populações nativas”. No que tange às “populações autóctones”, o conceito presente era o de “Proteção Fraternal” (Rodrigues, 2007: 21), orientação que seria representada pela criação do Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais, em 1910, além das interfaces nesse processo das Missões Religiosas. A pesquisa perpassa autores em torno da “identidade étnica e cultural”, como Renato Ortiz, Aldo Litaiff, Pierre Bourdieu, Marshall Sahlins, Fredrik Barth e François Hartog. Entre as diversas conclusões, destaca-se uma de caráter mais geral, em que a autora afirma:

o contexto da modernidade proporcionou o estabelecimento de discussões em torno da causa das populações nativas, sendo que os ideais comteanos permearam todo esse processo. Fomentou-se uma nova política nacional em 1910, assim como se promoveu a prática da proteção fraterna, desde 1908, no Estado Sul-Riograndense. Dentro dessa conjuntura, se manteve a proposta do exercício de catequese da Igreja Católica, e foi construído um projeto de missão entre os nativos por missionários protestantes. Mas, a cultura das populações nativas foi renegada, como já acontecia desde os primórdios da colonização do Brasil (...) (Rodrigues, 2007: 197-198).

## AFRICANOS E SEUS DESCENDENTES

Nove são as Teses examinando temas relativos a afrodescendentes. Cinco na PUCRS, três na UNISINOS e um na UFRGS. As respectivas orientações são: René Ermaini Gertz (1997), Dorivaldo Walmor Poletto (2001), Daniel Schávelzon (2005), Margaret Marchiori Bakos (2007) e Charles Monteiro (2014), para a PUCRS; Karl Martin Monsma (2008), Paulo Roberto Staudt Moreira (2010, 2016), para a UNISINOS e Regina Célia Lima Xavier (2014), para a UFRGS.

Assim como nas Teses envolvendo as Sociedades Originárias e seus descendentes, também os textos sobre Africanos e seus descendentes estão marcados pela presença da crítica a um certo fazer historiográfico anterior, muitas vezes identificado como “tradicional”. As formas de manifestação dessa ideia no desenvolvimento dos trabalhos é variada, tanto direta como indiretamente anunciada. Exemplo do primeiro caso encontra-se em Malavota (2007: 21) ao escrever: “Essa perspectiva de análise vem sendo desconstruída por inúmeros trabalhos historiográficos a partir de novas abordagens teóricas e metodológicas, bem como pelo uso de diversas fontes de pesquisa”.

No que se refere ao segundo caso, Gomes (2014),<sup>8</sup> no intuito de compreender os movimentos sociais das “gentes do mar” e as “nuances identitárias da comunidade negra” nos discursos e práticas políticas de Carlos da Silva Santos (deputado estadual entre 1959 e 1974 junto a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul), percorre teoricamente a chamada “nova história política”. A origem afro-brasileira do biografado, nascido na zona portuária (Rio Grande/RS) auxiliaria na análise discursiva do autor da Tese. Para este, a “identidade negra deve ser entendida

<sup>8</sup> O trabalho poderia, no interior de nossa tipologia, ser classificado como Biografias, Prosopografias e Trejetórias.

como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros (Gomes, 2014: 25, rodapé).

A relação entre política e etnicidade é discutida em diferentes momentos do texto, como ocorre na passagem: “Na questão racial, ele era elogiado como um exemplo por todos os políticos de todas as legendas. Os que eram contra a sua identidade étnica, se existiram, ficaram em silêncio ao menos nas fontes consultadas” (Gomes, 2014: 253). Ou ainda: “(...) mesmo com essa nova atribuição política, o tema da identidade étnica estava se consolidando, com muita força, nas práticas políticas do tribuno (Gomes, 2014: 440), embora somente no mandato de 1971-1974 “as questões étnicas superaram as demais atividades do deputado no parlamento, inclusive, a da pesca” (Gomes, 2014: 526). Por meio da análise discursiva a escolha metodológica de delimitação do corpus documental da Tese se processou a partir da seleção de suas intervenções, destacando os dois temas/campos: o campo da atividade da pesca e o da identidade negra. Visando a contribuir para o conhecimento histórico de seu protagonismo na mediação e na proposição de leis em benefício da pesca, das “gentes do mar” e da comunidade negra.

O ineditismo dos trabalhos é ponto também variado em suas justificativas. Malavota, acima citada, acredita inserir-se em um período pouco estudado da história catarinense, respeitadas a abordagem que propõe. Visa completar uma lacuna historiográfica cuja justificativa estaria na “invisibilização” da presença africana desenvolvida pela historiografia anterior (Malavota, 2007: 21). A reinvenção de identidades através dos vínculos parentais (consanguinidade e compadrio) estabelecidos por escravos e libertos de origem africana, “sujeitos de diferentes categorias sociais e origens étnicas”, na vila portuária de Nossa Senhora do Desterro é o objeto da Tese de Malavota. Cronologicamente situado entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, imputa a tais amarrações a capacidade de, na conjuntura escravista, “criar esperanças”, “possibilitar a sobrevivência” e “reinventar as identidades”.

No quesito ineditismos, poder-se-ia criar uma tipologia: por exemplo, pensar como inédito o tema, o recorte, os métodos, a perspectiva e/ou mesmo a forma de apresentação.<sup>9</sup> Grigio (2016),<sup>10</sup> é ilustrativo no sentido de novidade

<sup>9</sup> Para um trabalho de proposições singulares em termos de métodos ver Carle (2005). Trabalho de cunho engajado, rompe com alguns padrões acadêmicos de escrita. A tese visou compreender alguns assentamentos africanos no Rio Grande

temática. O autor retrata: “Ao buscar informações sobre a referida Irmandade, percebemos que pouca coisa existia, a não ser pequenas anotações em livros de memorialistas ou citações em jornais e folhetos religiosos que tratavam da história da Igreja na região” (Grigio, 2016: 16). A Tese de Grigio analisa a trajetória da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e a de alguns de seus integrantes no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX (1873-1942). Enquanto instituição de origem na comunidade negra de Santa Maria da Boca do Monte “tornou-se um espaço de protagonismo e de reconstrução da identidade negra” (Resumo). O autor opta por “princípios metodológicos da micro-história italiana” enquanto “prática historiográfica” (Grigio, 2016: 22) e pela perspectiva da “História Social” (Grigio, 2016: 21). Empenhado em uma “estratégia de variação de escala” acredita ser “por meio da observação das pequenas diferenças nos comportamentos cotidianos” que “a complexidade social vai sendo revelada”, entretanto ressalta a necessidade de “compreender o todo” por meio de “um olhar macro” (Grigio, 2016: 24). Às fontes bibliográficas o trabalho acrescenta uma expressiva lista de documentos a exemplo de livros de registro das irmandades, livros de correspondências, livros paroquiais, livros tombo, boletins informativos, cartas pastorais, habilitações de casamentos, inventários, testamentos, processos-crime, livros de óbitos, livros cartoriais, jornais e fotografias entre outros. Através desses mecanismos acredita o autor que a Tese ilustrou alguns dos “desafios enfrentados pela população negra, seja em tempos de cativo ou de liberdade”. Despontou parte da história da Irmandade do Rosário e de seus integrantes, das dificuldades enfrentadas e concluiu que, “para homens e mulheres negras, de ontem e de hoje, seja ‘no alvoroço da festa’ ou nas agruras do dia a dia ‘não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse” (Grigio, 2016: 282).

Os trabalhos são, em sua grande maioria, continuação de experiências anteriores dos pesquisadores. Quando não diretamente, ao menos tangencialmente. Gomes explicita: “O sujeito Carlos Santos (2014: 21) surgiu na minha

do Sul por meio de três casos: O quilombo do abrigo do Monjolo (século XVIII), em Santo Antônio da Patrulha; o quilombo da Ilha do Quilombo (início dos século XIX) em Porto Alegre e o quilombo do Paredão (final do século XIX), entre os municípios de Taquara e Gravataí. Partindo de uma proposta em torno das técnicas de campo e laboratório da arqueologia, arremete para o que o autor denominou “um estudo de caráter simbólico e filosófico das manifestações religiosas africanas” (resumo) e suas influências na formação e processos de retomada desses espaços pelas respectivas comunidades africanas e descendentes no Brasil. Dentre outras coisas, declara o autor: “Desenvolvi processos avaliativos destes locais que serviram para caracterizar novas áreas que venham a ser investigadas” (Carle, 2005: 16).

<sup>10</sup> Em nossa tipologia poderia figurar como História Institucional.

pesquisa de mestrado. Silva (2014: 14): “O tema da criminalidade escrava em Pelotas irrompeu durante a nossa graduação quando procurava por um tema de pesquisa para minha monografia”. Fabiani (2008: 15): “(...) esta tese é continuidade de uma investigação realizada durante o curso de mestrado”. Aliás, importa ressaltar a preocupação deste trabalho com elementos contextuais. O estudo de Fabiani analisa o movimento das comunidades negras rurais— movimento quilombola, nos estados do Maranhão e Pará. O autor defende que com o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (Constituição de 1988) o próprio termo quilombo tenha sido ressignificado. O período analisado contempla especialmente os vinte anos entre 1988 a 2008. Chama a atenção para a necessidade de contextualização de termos como “campesinato, etnia, identidade, raça, negro, afro-brasileiro” entre outros, uma vez que considera “apresentarem diferentes significados no decorrer do tempo” (Fabiani, 2008: 16). Após percorrer fontes bibliográficas, arquivos variados e depoimentos de lideranças, tanto do movimento quilombola quanto de representantes estatais, conclui:

As comunidades negras rurais são núcleos de resistência que se afirmam pela identidade étnica. São núcleos de camponeses, em sua maioria negros, que lutam pela terra e pela preservação da cultura. Trata-se de uma terra camponesa que identifica o grupo e define a identidade, um lugar especial que sustenta as unidades familiares e assegura a continuidade do grupo étnico (Fabiani, 2008: 232-233).

Na mesma linha de valorização do contexto, Magalhães (2010) confirma algumas das ideias apresentadas até o momento. O estudo da autora é sobre o Sport Club Cruzeiro do Sul. A particularidade do trabalho está no fato de a Associação ter sido criada como “clube para negros” (1922) em uma “especialidade teuto-brasileira em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Esse cenário é utilizado na Tese para explorar elementos como “democracia racial”, “sociabilidade negra”, “organização de estratégias e solidariedades” e interesses comuns através da “identidade étnica”. Tateando pela “Micro História” e pela “História Oral”, perpassando entrevistas, averiguando fontes judiciais, acessando alguns periódicos, atas e registros civis e se propondo a uma “análise qualitativa de conteúdo” (Magalhães, 2010: 26). As questões envolvendo o conceito de etnicidade são marcadas especialmente no que se refere aos contrapontos sociais existentes em torno da criação e manutenção da instituição. A autora acredita que “a fundação de um clube negro em Novo Hamburgo, no ano de 1922, reflete os percalços de cunho étnico-racial existentes no âmbito nacional e regional, bem como local” (Magalhães, 2010: 110) e finaliza afirmando ser “a partir do associativismo que os negros abriram brechas, propuseram negociações, organizaram estratégias como forma de combater a exclusão e a segregação social” (Magalhães, 2010: 176).

A partir do texto de Magalhães (2010) é possível aventar outras recorrências nas Teses, dentre as quais, o cotidiano<sup>11</sup> como categoria de análise (Magalhães, 2010: 28), a presença da “micro-história” como fundamento, e, daí, as variações de escala –micro e macro– como procedimentos metodológicos (Grigio, 2016: 24), todos verificáveis também em Silva (2014: 19-20). Os motivos variam, porém, as preocupações parecem similares. Insistentes são as noções de aliança entre as análises quantitativas e qualitativas, utilização da “história oral”,<sup>12</sup> do estabelecimento dialógico teoria-metodologia e referente trato com as fontes (Malavota, 2007: 22). Magalhães reconhece: “Nosso estudo é permeado pela ‘combinação entre dados seguros e conjecturas –entre ‘provas’ e ‘possibilidades’– mediada e autorizada pelo contexto” (Lima, 2006:

<sup>11</sup> Especial atenção a categoria do cotidiano é realizada por Lima (2001). Na Tese, aborda-se o cotidiano de trabalho nas Fazendas da Nação do Piauí. As propriedades tiveram origem no legado do sertanista Domingos Afonso Mafrense para a Companhia de Jesus, em 1711, que as administrou até 1760, quando foram confiscadas pela Coroa Portuguesa, e sob nova administração passaram a ser denominadas Fazendas do Real Fisco. Com a independência do Brasil, em 1822, ficaram sob a administração do Império, sendo denominadas Fazendas Nacionais ou Fazendas da Nação. Nas Fazendas Nacionais toda a estrutura produtiva estava assentada no trabalho escravo e voltada, de forma dominante, para a produção de mercadorias, e era este caráter da produção que determinava o nível das contradições sociais. O processo de trabalho é apresentado, considerando a estrutura produtiva escravista e suas necessidades de mão-de-obra, produção de mercadorias e controle dos trabalhadores. Para tanto, busca-se (re)construir o cotidiano de trabalho sobre três aspectos. O primeiro trata do fluxo de mão-de-obra e dos os mecanismos administrativos de estímulo à reprodução vegetativa, de transferências de trabalhadores e de concessão de alforrias, que implicou na redução gradual de mão-de-obra masculina adulta. O segundo aborda a organização das atividades, demonstrando o processo produtivo, a divisão etária e sexual do trabalho, e a ampliação da exploração do trabalho. O terceiro identifica os mecanismos de controle dos trabalhadores escravizados e aponta a violência como forma de controle predominante. As fazendas são caracterizadas como territórios de permanentes tensões sociais, onde os trabalhadores resistiam à condição servil com ações espontâneas de rebeldia e buscavam alternativas para garantir a sobrevivência. Apresenta, ainda, o processo de libertação dos trabalhadores das fazendas em 1871 e os instrumentos utilizados para impelir a mão-de-obra liberta para o trabalho assalariado.

<sup>12</sup> Nesse âmbito, Vecchia (1997), quem se propõe a “evidenciar a estrutura e a dinâmica da forma de produção semi-servil” – através dos chamados “filhos de criação” nas décadas pós-abolição, tendo como espaço a “Região Meridional do Rio Grande do Sul. Baseando-se em depoimentos de pessoas que experienciaram a condição de “filhos de criação” investiga a “situação de dependência” em suas distintas dimensões, singularmente nas relações de trabalho, o que estaria refletido nos níveis institucional e ideológico.

358, *apud* Magalhães, 2010: 27-28). Nesse emaranhado, é possível observar sutis tendências empíricas nas pesquisas ou, pelo menos, identificar diversas formas de sobrevalorização das fontes em relação aos suportes teóricos e mesmo às problemáticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As proposições apresentadas no decorrer do texto consistem, acima de tudo, em algumas obviedades. A ideia principal foi a de proporcionar uma visão panorâmica de como as Teses desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em História vêm trabalhando as duas temáticas, Sociedades Originárias e seus descendentes e Africanos e seus descendentes. A discussão perpassa motes de Historiografia e Teoria da História.

O quadro permite algumas observações gerais: 1) entre as teses de cunho histórico e aquelas de foco na Arqueologia (defendidas nos mesmos Programas) existem diferenças metodológicas expressivas, bastaria tomar como exemplo o uso de laboratório ou os “trabalhos de campo”; 2) no que tange a esfera conceitual, embora todos os trabalhos preocupem-se –de uma ou outra maneira– em estabelecer relações contextuais, a interpretação do que isto significa varia relevantemente, pense-se na utilização da noção de território; 3) há uma constante preocupação diante das formas de homogeneização, seja espacial seja temporal - o critério norteador é a especificidade; 4) os “interesses” nos temas particulares poderiam ser classificados em pelo menos duas variantes, uma pessoal e outra social, isto quando expressos de forma explícita nesses escritos acadêmicos; 5) manifestamente, existem tentativas de suplantarem as “tradicionais” formas científicas, restando, em alguns casos, o estabelecimento concreto de como isto deve ocorrer.

Restariam, entre tantas possibilidades de investigação: a) analisar os marcos cronológicos das pesquisas, b) inquirir as “formas de originalidade” nos trabalhos, uma vez que há predominância de referenciais teóricos franceses, italianos e, por vezes, ingleses, c) examinar as efetivas ocorrências de atividades interdisciplinares, d) refletir sobre as discricionariedades do pesquisador diante do objeto, e) questionar as formas narrativas empregadas historiograficamente ou, ainda, f) averiguar os efeitos sociais resultantes das pesquisas institucionalizadas na forma universitária sobre esses grupos humanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVER, Marcus Vinícius (2004): O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do Planalto Sul-brasileiro: o caso da tradição Taquara/Itararé. Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.



- BRAND, Antônio (1998): O Impacto da Perda da Terra sobre a Tradição Kaiowá/Guarani: Os Difíceis Caminhos da Palavra. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- CARDOSO, Wanderley Dias (2011): A história da educação escolar para o Terena: origem e desenvolvimento do Ensino Médio na Aldeia Limão Verde. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- CARLE, Cláudio Baptista (2005): A organização dos assentamentos de ocupação tradicional de africanos e descendentes no Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- CYPRIANO, Doris Cristina Castilhos de Araujo (2005): Margens dos rios Madeira e Tapajós: situação de contato e dinâmica social-séculos XVII e XVIII. Tese de Doutorado, Universidade Vale do Rio dos Sinos.
- FABIANI, Adelmir (2008): Os Novos Quilombos. Luta pela terra e afirmação étnica no Brasil (1988-2008). Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de (2005): Distribuição e padrão de assentamento – propostas para sítios de Tradição Umbu na encosta de Santa Catarina. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- FRANCISCO, Aline Ramos (2013): KAINGÁNG: Uma História das Interações entre Nativos e Ocidentais durante a Conquista e a Colonização no Sul do Planalto Meridional. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- GOMES, Arilson dos Santos (2014): O Universo das Gentes do Mar e a Identidade Negra nos Discursos e Práticas Políticas de Carlos Santos (1959-1974). Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- GOMES NETO, Álvaro de Souza (2002): A importância do negro na formação da sociedade portenha, 1703-1860. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- GRIGIO, Ênio (2016): No alvoreço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- KLAMT, Sérgio Célio (2005): Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da Tradição Cerâmica Tupiguarani. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- LANDA, Beatriz dos Santos (2005): Os Ñandeva/Guarani e o uso do espaço na terra indígena Porto Lindo/Jakarey, Município de Japorã/MS. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- LAROQUE, Luís Fernando da Silva (2006): Fronteiras Geográficas, Étnicas e Culturais Envolvendo os Kaingangs e suas lideranças no Sul do Brasil (1889-1930). Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- LIMA, Solimar Oliveira (2001): Braço Forte – Trabalho Escravo nas Fazendas da Nação no Piauí: 1822-1871. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

- MAGALHÃES, Doris Rejane Fernandes (2003): Terras, Senhores, Homens livres, Colonos e Escravos na ocupação da Fronteira no Vale do Sinos. Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- MAGALHÃES, Magna Lima (2010): Entre a Preteza e a Brancura brilha o cruzeiro do Sul: Associativismo e Identidade Negra em uma localidade Teuto-Brasileira (Novo Hamburgo/RS). Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- MALAVOTA, Cláudia Mortari (2007): Os africanos de uma vila portuária do sul do Brasil: criando vínculos parentais e reinventando identidades. Desterro, 1788/1850. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- MARTINS, Maria Cristina Bohn (1999): A Festa Guarani nas Reduções: perdas permanências e recriação. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- NASCIMENTO, Marcélia Marques do (2010): Pedra que te quero palavra: discursividade e semiose no (con)texto arqueológico da tradição Itaparica. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- OLIVEIRA, Osvaldo André (2014): Os povos caçadores e coletores que habitaram as margens da Lagoa Mirim. Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de (2002): Da pré-história à história indígena:(re)pensando a arqueologia e os povos canoieiros do pantanal. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de (2010): O encontro entre os guaranis e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio do venerável padre Roque González nas tierras de Ñesu. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PEIXOTO, Luis dos Santos (2003): A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-Matogrossense. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- PEREIRA, Lúcia Regina Brito (2008): Cultura e afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002). Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- PEREIRA, Walmir da Silva (2009): Patrimônio Cultural e Nova História Indígena nas Terras Baixas da América do Sul: Os Guarani Mbya entre Clio, Cronos e Mnemosine. Tese de Doutorado, Universidade Vale do Rio dos Sinos.
- PETIZ, Silmei de Sant'ana (2009): Caminhos Cruzados: Famílias e Estratégias Escravas na Fronteira Oeste do Rio Grande de São Pedro (1750-1835). Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- RAMOS, Antonio Dari (2005): Exemplaridade e Mortificação no centro da ação missionária jesuítica nas reduções de Guaranis do século XVII. Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

- RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz (1991): "Arqueologia do Vale do Rio Pardo, RS, Brasil", tese de doutorado inédita, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- RIBEIRO, Sarah Iurkiv Gomes Tibes (2002): O Horizonte é a terra: manipulação da identidade e construção do 'ser' entre os guarani no oeste do Paraná (1977-1997). Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- RODRIGUES, Cíntia Régia (2007): As Populações Nativas Sob a Luz da Modernidade: A Proteção Fraternal no Rio Grande do Sul (1908-1928). Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- SANTOS, José Antônio dos (2011): "Prisioneiros da História. Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- SANTOS, Juvandi de Souza (2009): Cariri e Tarairiú? Culturas Tapuias nos Sertões da Paraíba. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- SILVA, Roger Costa da (2014): Os crimes e os direitos: lutas escravas em Pelotas/RS (1845-1880). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SKOLAUDE, Mateus Silva (2016): Raça e Nação em disputa: Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, 1ª Exposição Colonial Portuguesa e o 1º Congresso Afro-Brasileiro (1934-1937). Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- VECCHIA, Agostinho Mario Dalla (1997): As Noites e os Dias – Elementos para uma economia política da forma de produção filhos de criação. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- VERRAN, Rossana Samarani (2006): Inventário científico do Brasil no século XVIII: a contribuição de Alexandre Rodrigues Ferreira para o conhecimento da natureza e dos índios. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.